

O tabaco é Agro

Início / Colunas / Agro Inteligência / O tabaco é Agro



A história do Brasil é a do tabaco. Os portugueses encontraram o tabaco comido, bebido, mascado, aspirado e fumado por indígenas (Foto: Shutterstock)

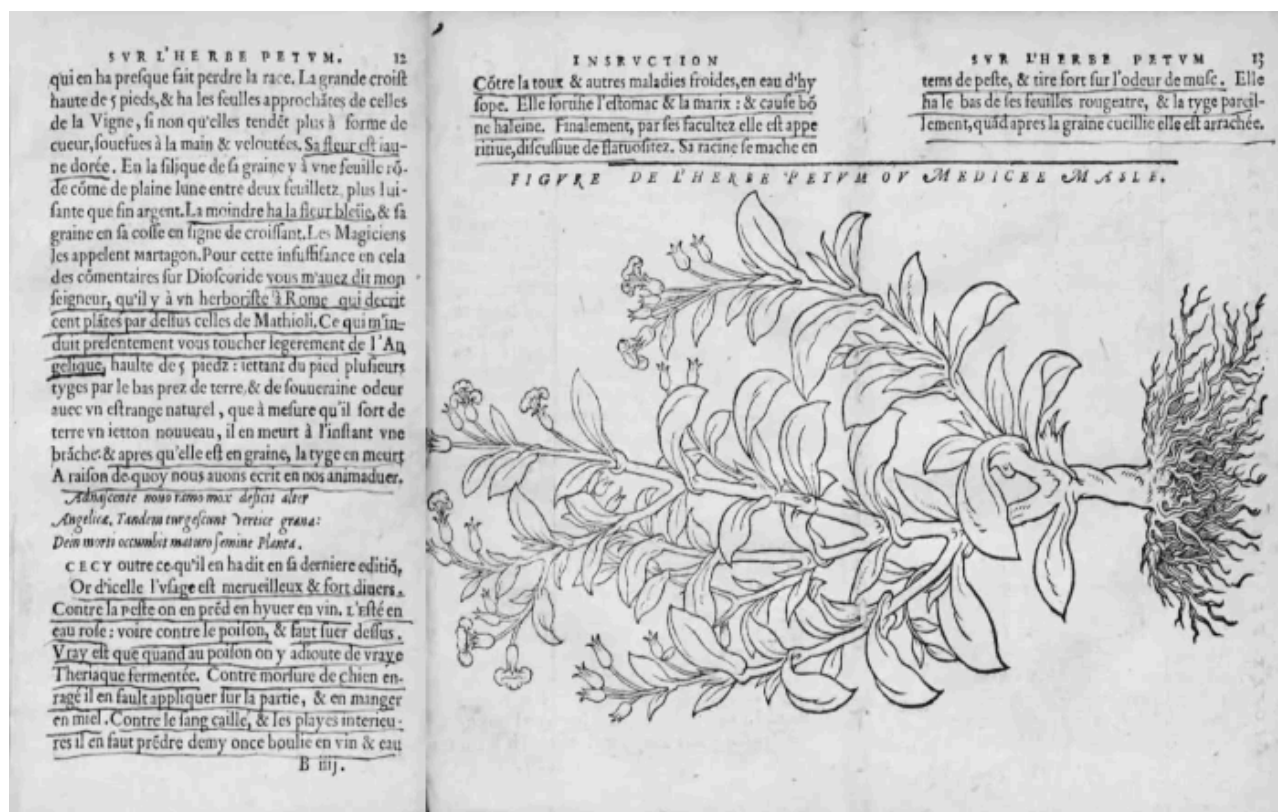
O Brasil é líder mundial na exportação de tabaco desde 1993. É também o segundo produtor com cerca de 640.000 toneladas. A China, maior produtor com 2,4 milhões de toneladas, ainda importa 540.000. Em 2023, o tabaco

sozinho representou quase 1% das exportações brasileiras (US\$ 2,73 bilhões) e gerou cerca de 2 milhões de empregos diretos e indiretos. Ainda assim, a cultura do tabaco, moderna e sustentável, parece invisível quando se aborda o agro nacional. Dela não se fala e pouco se sabe. Está “alhures”, como se não fizesse parte da agricultura.

Cultivar tabaco é bom negócio. Atraídos pela alta rentabilidade em pequenas áreas e pela garantia de venda da produção, em 2023, 138 mil produtores cultivaram 284 mil hectares. A produção aferiu R\$ 11,3 bilhões. Cerca de 620 mil pessoas participam dessa cadeia produtiva no meio rural, segundo a Associação dos Fumicultores do Brasil (Afubra). O setor gera ainda 40 mil empregos diretos nas indústrias de beneficiamento.

A indústria do tabaco é composta por empresas de pequeno, médio e grande porte. Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires (RS), concentram muitas empresas, num dos maiores complexos mundiais de processamento de tabaco. Elas utilizam conceitos modernos de produção e equipamentos industriais de última geração. A renda gerada nessa indústria é essencial aos municípios, garante empregos diretos e diversos indiretos.

O Brasil exporta 85% da produção para 107 países. Os principais destinos são: União Europeia (42%), Extremo Oriente (31%), África/Oriente Médio (11%), América do Norte (8%) e América Latina (8%).



A primeira ilustração botânica publicada pelo médico espanhol Nicolas Monardes, em 1571 | Foto Reprodução

Tabaco é o fumo em folha proveniente da espécie *Nicotiana tabacum* L., submetido à cura artificial ou natural (Regulamento Técnico do Tabaco em Folha Curado). As folhas são consumidas na forma de cigarros, charutos e em cachimbos, pela aspiração da fumaça, mediante combustão ou mascadas. As folhas também servem na preparação de pesticidas e são usadas na indústria farmacêutica. Talos e hastes entram na composição de alguns tipos de fertilizantes.

Conhecido há milênios nas Américas, o primeiro europeu a mencionar o tabaco foi Cristóvão Colombo. Em 15 de outubro de 1492, ele notou na canoa de um índio “várias folhas secas e odoríferas muito apreciadas na região.” Em novembro, Rodrigo de Jerez e Luis de Torres, em missão de reconhecimento, observaram como: “muitos índios seguravam uma brasa acesa nas mãos.” E descreveram o costume de secar folhas, colocá-las em canas, queimá-las e inalar o fumo. Em 1493, frei Romano Pane, na segunda viagem de Colombo, enviou amostras de tabaco a Carlos V da Espanha.

A história do Brasil é a do tabaco. Os portugueses encontraram o tabaco comido, bebido, mascado, aspirado e fumado por indígenas. O primeiro a introduzir, atestadamente, o cultivo do tabaco na Europa foi Luís de Góis. Ele participou da expedição de Martim Afonso de Souza e morou em São Vicente. Em 1535, levou sementes de tabaco ao Jardim Botânico de Lisboa, como relatam as Crônicas do rei D. Manuel, de autoria de seu irmão Damião de Góis, figura ímpar do Renascimento português, humanista, historiador, diplomata e alto funcionário régio.

A primeira descrição da planta foi feita pelo padre franciscano André Thevet. Capelão da rainha Catarina de Médicis, ele acompanhou Nicolas de Villegagnon na tentativa de colonização francesa do Brasil, em 1555. Retornou à França em 1556. Em apenas dois meses na Guanabara reuniu muitas anotações e observações publicadas em seu livro: *Les singularités de la France Antarctique...*, em 1557, em Paris. No capítulo XXXII, apresentou o tabaco e seus usos. Em 1556, ele cultivou sementes de tabaco nos arredores de Angoulême, 20 anos após Luís de Góis em Portugal.



Os municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul, concentram o maior complexo de processamento de tabaco do mundo | Foto: Divulgação/Sinditabaco

Em 1561, Jean Nicot, embaixador da França em Lisboa, baseando-se nos efeitos curativos do tabaco constatados por boticários e médicos lusitanos, enviou-o à rainha Catarina de Médicis para tratar suas terríveis enxaquecas. Deu certo. A rainha ordenou cultivá-lo na Bretanha, Gasconha e Alsácia. Para homenagear Nicot, o duque de Guise propôs chamar a erva de Nicotiana ao botânico Jacques Daléchamps. Não se lembraram de honrar Thevet, nem Luís de Góis. O termo Nicotiana foi retomado por Lineu.

LEIA TAMBÉM:

→ [**Amor não deixa feliz e cheio de energia. O nome disso é açai**](#)

A primeira ilustração botânica, com detalhes de seu uso medicinal, foi publicada pelo médico espanhol Nicolas Monardes em 1571: ...todas as cosas que traen de nuestras Indias Occidentales que sierven al uso de Medicina... Um tratado específico foi publicado por Jacques Gohory, em 1572: L'Instruction sur l'Herbe Petum.

Da Península Ibérica e França, o tabaco foi introduzido rapidamente na Itália, Inglaterra e Alemanha; em 1580 na Turquia e na Rússia; em 1590 na Índia, China e Japão; em 1600 na Grécia, Filipinas e Indochina. Em meados do século XVII, o tabaco já era cultivado em quase todo o planeta.

Do Brasil ao Canadá existem na natureza mais de sessenta espécies de tabaco do gênero Nicotiana da família das solanáceas, a mesma da batata e do tomate.

No final do século XVI, a palavra tabaco, de origem indígena, passou a designar a planta. A nicotina foi descoberta em 1809 por Louis Vauquelin, professor de química na Escola de Medicina de Paris.

No século XVIII, bitucas de charutos eram recolhidas e enroladas em papel para serem fumadas. Primitivos cigarros industrializados surgiram em 1830. A primeira máquina eficiente e comercializada para fabricar cigarros foi inventada em 1881. E aos poucos eliminou o tabaco mascado ou inalado. Após a Segunda Grande Guerra, o cigarro se espalhou pelo planeta e em todas as classes sociais.



Tabaco de langsdorff (*Nicotiana langsdorffii*), com suas flores inclinadas, em forma de sino, na cor verde-limão vivo, que florescem em caules altos e graciosos durante todo o verão | Foto: Pixabay

A Bahia foi a primeira região do mundo a produzir tabaco comercialmente em 1570. A renda do monopólio de Estado do fumo, decretado em 1674 em Portugal, chegou a representar 15 % das receitas da Coroa. No século XVIII, o tabaco já era cultura comercial nas Antilhas, Virgínia e Brasil. Foi uma das principais exportações do Brasil Império. Um ramo de tabaco figurava na Bandeira do Império. O Brasão de Armas da República o manteve e coloca a cultura como um dos símbolos da nação.

No Brasil, o tabaco é cultivado em pequenas propriedades, com 15 hectares de área em média, sendo: 18% com tabaco; 23,3% outras culturas agrícolas; 17,5% criações e pastagens; 19,8% florestas nativas; 11,3% reflorestamento; 7,3% áreas em pousio ou descanso e 2,8% açudes e reservas de água.

A produção é sustentável. Pesquisas atestam: entre as grandes culturas, o tabaco é uma das menores no uso de defensivos, com 1 kg de ingrediente ativo por hectare (ESALQ/USP). E 98,9% dos produtores devolvem as embalagens usadas de produtos químicos ao Programa de Recebimento de Embalagens Vazias de Agrotóxicos. Segundo pesquisa recente, 97,5% dos fumicultores possuem depósito específico para defensivos e 99,6% têm equipamentos adequados (EPIs) para manejá-los.

Os fumicultores não têm acesso ao financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Em 2018, o cultivo do tabaco celebrou os 100 anos de adoção do sistema integrado de produção. O produtor recebe da indústria fumageira insumos, assistência técnica e treinamentos, além da garantia de compra da produção contratada.



Folha de tabaco artesanal, pré-industrial, em fazenda brasileira | Foto: Pixabay

A diversificação de atividades para reduzir a dependência de uma única cultura é incentivada. O plantio de milho, feijão e pastagens, após a colheita do tabaco, é praticado por 74,8% dos fumicultores: aproveitam a adubação do tabaco, geram uma segunda renda e trazem benefícios ao solo, recoberto por vegetação o ano todo. Em 2023, a diversificação garantiu R\$ 650 milhões adicionais aos produtores no Sul, em 509 municípios.

A renda do produtor de tabaco é superior em 140% à média do brasileiro: R\$ 3.541,00 contra R\$ 1.625,00 (IBGE, 2022). O nível socioeconômico dos produtores se destaca: 80,4% estão nas classes A e B, (Pesquisa de 2023 do Centro de

Estudos e Pesquisas em Administração). No Brasil, menos de 25% da população está nesse estrato social.

A renda média mensal da família produtora de tabaco é de R\$ 11.755,00. Apenas 5% dos produtores recebem algum benefício social do governo (Bolsa Família ou auxílio educação). Quais suas principais motivações? Para 87%, a cultura é mais lucrativa; para 83%, a garantia de venda; para 74%, o preço negociado; para 72%, o seguro agrícola e para 82%, pela orientação técnica.

Para evitar a doença da folha verde, o setor oferece, a preço de custo, um traje de colheita altamente eficiente, desenvolvido em 2009 pela Universidade de Campinas. Testes por empresa de consultoria em toxicologia, comprovaram a redução de 98% da exposição dérmica e 1,3 mil técnicos foram capacitados a auxiliar produtores na prevenção.

A enorme carga tributária (83,3%) sobre produção e venda de cigarros garante relevante arrecadação ao Governo e incentiva a comercialização informal e o contrabando, com perdas superiores a R\$ 2 bilhões por ano.



Paisagem panorâmica com grande folhas do tabaco. Imagem: Pixabay

O número de fumantes está em declínio. Cerca de 1 em cada 5 adultos no mundo consome tabaco. Em 2000, era 1 em cada 3. Ainda assim, 1,25 bilhão de pessoas é fumante. O tabagismo para a OMS é a principal causa de mortes evitáveis: 8 milhões/ano ou 22000/dia. Doenças associadas ao tabaco teriam custado R\$ 153,5 bilhões ao Brasil em 2022.

Em 2003, a Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, primeiro tratado internacional de saúde pública da OMS, assinado por 192 países, previu reduções de área plantada e crédito, e diversificação nas propriedades com novas fontes de renda. Para a Associação Internacional dos Produtores de Tabaco, o desafio é enorme: 30 milhões de pequenos agricultores no mundo produzem 4,5 milhões de toneladas e dependem dessas lavouras como fonte garantida de renda.

Grande produtor e maior exportador mundial, se o Brasil deixar de produzir tabaco, seus principais concorrentes (EUA, Zimbábue etc.) assumirão seu lugar. A complexa questão da fumicultura e suas implicações agrícolas, industriais, sanitárias, sociais e econômicas, deverá evoluir. Exigirá alternativas viáveis e negociadas. O SindiTabaco lançou um estudo para desmistificar e desconstruir falsas narrativas sobre a produção de tabaco: Assunto controverso, Contraponto necessário. Em síntese, o documento diz o óbvio: o tabaco é agro!

Evaristo de Miranda é ex pesquisador da Embrapa, doutor em Ecologia e Membro da Academia Nacional de Agricultura da SNA.

Fonte: Revista Oeste

Categoria: Agro Inteligência 18/10/2024

Tags: tabaco

Compartilhe nas redes sociais



Conteúdos relacionados

Mulheres à frente da avicultura e suinocultura capixabas

17/03/2026

Amor não deixa feliz e cheio de energia. O nome disso é açaí

30/08/2024

Abertura da colheita de soja em Roraima acontece em agosto

21/08/2024

Produtores rurais multiplicam bioinsumos para uso próprio

17/07/2024

Não falta carne

13/08/2024

Promessa de Urubu

27/06/2024





Inscrições abertas, **garanta sua participação!**

inova AGRO TOUR

O Inova Agro Tour RJ chega para conectar inovação e agronegócio em um único dia.

Uma iniciativa do **SNASH** que reúne lideranças, agtechs e produtores rurais para transformar o campo.

Realização:  | 

Apoio Financeiro: 

Assine o boletim A Lavoura

* campos obrigatórios

Email *

Nome *

Aceito receber e-mails com os boletins da SNA.

[Política de Privacidade.](#)

[Inscreva-se](#)



Assine o boletim A Lavoura

Realização

* campos obrigatórios



Sociedade
Nacional de
Agricultura

Inteligência em Agronegócio desde 1897

Email *

Nome *

Aceito receber e-mails
com os boletins da SNA.

A Lavoura

Publicada pela Sociedade Nacional de Agricultura, desde maio de 1897, a revista A Lavoura traz artigos técnicos e reportagens que abrangem todas as atividades da cadeia produtiva agrícola, além das novidades do setor.

Você pode cancelar sua assinatura a qualquer momento clicando no link no rodapé dos nossos boletins. Seus dados de cadastro serão utilizados exclusivamente para o envio dos boletins informativos da SNA. Para mais informações, consulte a nossa Política de Privacidade.

Inscreva-se

Revista A Lavoura. Sociedade Nacional de
Agricultura – SNA

© 2020. Direitos reservados. Política de Privacidade